

UMA ABORDAGEM LINGÜÍSTICO-HISTÓRICA DA NASALIDADE EM CORUMBÁ DE GOIÁS

Sirlene Antonia Rodrigues COSTA,¹ (UFG)

RESUMO: Este artigo é um recorte do *corpus* de uma pesquisa desenvolvida no curso de Pós-Graduação, Mestrado, que teve como propósito a descrição de traços fonéticos, da variante do português brasileiro, falada por pessoas idosas, da cidade de Corumbá de Goiás. A pesquisa foi desenvolvida sob a abordagem da Linguística Histórica, com as contribuições de outras áreas da Linguística Moderna. O estudo se deu por meio da coleta, transcrição e comparação de dados da fala, dos corumbaenses entrevistados, com outros registros da língua portuguesa, em outros momentos históricos, dando ênfase aos processos de nasalidade.

RESUMEN: el artículo es una parte de uno estudio dialectológico, una descripción de rasgos fonéticos de la variante del portugués brasileño hablada por personas con edad superior a los sesenta años, de la ciudad de Corumbá de Goiás. La misma fue desarrollada sob el abordaje de la Linguística Histórica y otras areas de la Linguística Moderna. El mismo fue realizado por medio de la colección , transcripción y comparación de las formas de la lengua hablada por estos hablantes, con otros registros de lengua portuguesa, en otros momentos históricos con énfasis al proceso de la nasalidad.

1. Introdução

O propósito inicial desta pesquisa foi constituir um *corpus* da língua falada em Corumbá de Goiás, como traço lingüístico que teve características preservadas na realização lingüística de determinados falantes corumbaenses. Foram colaboradores com a pesquisa os falantes, homens e mulheres, com idade superior aos sessenta anos, pouco ou não alfabetizados e que tinham vivido sempre na região de Corumbá de Goiás.

A pesquisa foi motivada ao perceber que algumas pessoas idosas pronunciavam em suas falas cotidianas, de modo peculiar, palavras como *lũa, ãa, argũa, Antõi, nũ, cĩmu, mẽmu, cĩmadi, cĩmpadi* e outras.

Este artigo é parte de uma dissertação de mestrado, realizado entre os anos de 2003 e 2005 e que teve como propósito, forma geral, descrever o comportamento lingüístico dos corumbaenses entrevistados, considerando as influências lingüísticas e extralingüísticas presentes nas suas variedades de fala.

Entende-se que a língua é também fruto de muitas contribuições etnográficas e, com o passar dos anos, podem sofrer mudanças ou conservar traços e características de períodos históricos anteriores, em razão das influências internas da própria língua, como processo natural de sua estruturação, e externas, ocasionadas por fatores sócio-culturais.

Corumbá de Goiás é uma cidade que está situada na região do Planalto Central, com uma população aproximada de 10 mil habitantes, com mais de dois séculos de história, e, ao longo de sua existência, recebeu pessoas de vários lugares e etnias. Contudo, é possível perceber que a preservação cultural se faz altamente presente nas suas tradições religiosas e culturais, de forma geral.

As análises fonéticas priorizaram o fenômeno da nasalidade, devido à complexidade e à variedade das possibilidades investigativas dos estudos lingüístico. Por essa razão tornou-se necessário, então, fazer recortes dos aspectos do objeto de estudo a serem investigados.

Apesar dos vários estudos já realizados, as teorias sobre a nasalidade são, ainda, bastante divergentes e até mesmo, contraditórias, em muitos aspectos. A opção pelo tema, justifica-se ainda pela freqüente ocorrência do fenômeno na fala dos colaboradores.

O artigo descreve e discute a nasalidade em ocorrência na fala dos corumbaenses que participaram desta pesquisa como colaboradores, e que, possivelmente, caracterizam, de alguma forma, as realizações lingüísticas de outros falantes de Corumbá de Goiás e de outras regiões do Estado e do País.

¹ e-mail: sirleneletras@bol.com.br

2. Material e método

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo dialetológico, em razão dos procedimentos metodológicos utilizados, como a escolha do espaço lingüístico e os recortes de traços de variedades da língua portuguesa falada na região de Corumbá de Goiás. Embora, não tenham sido utilizados os questionários padronizados, comuns em pesquisas da Dialetologia.

Para uma melhor sustentação científica, dos resultados e procedimentos adotados durante a realização desta pesquisa, foram utilizados outros conhecimentos de outros campos da Lingüística Moderna, como da Geografia Lingüística, em razão da demarcação do espaço geográfico, da Sociolingüística devido a abordagem sócio-cultural considerada nas coletas e análises dos dados, da Filologia porque os dados coletados foram comparados com outros registros escritos da língua portuguesa em outros momentos históricos.

Assim, a língua não foi enfocada como uma sucessão de etapas estáticas, como observa Tarallo (1994, p.26) “na linha do antes era assim e depois passou a ser assado”, mas a partir da consideração das influências sociais, como o processo de colonização e a formação do povoado, a religião, os valores, as crenças e outros fatores que contribuíram para que as realizações lingüísticas desses falantes pudessem se estruturar de tais formas.

Este trabalho se fundamentou na hipótese crioulistica, acerca da construção do português brasileiro, por acreditar na importância dos contatos lingüísticos do Brasil-Colônia e as possíveis influências destes contatos sobre os traços lingüísticos de algumas comunidades de fala, dentre elas, Corumbá de Goiás.

A escolha da cidade de Corumbá de Goiás, como comunidade lingüística para este estudo, foi respaldada por alguns critérios: (a) por ser uma cidade histórica, fundada pelos colonizadores, bandeirantes paulistas e portugueses, no período colonial nos séculos XVII e XVIII; (b) pelo grande interesse, dos moradores, de preservar as tradições herdadas dos colonizadores, por intermédio do folclore, das festas religiosas, da conservação da arquitetura dos casarões e outras construções do período colonial; (c) e ainda, porque as características das realizações lingüísticas dos moradores da região apresentavam processos lingüísticos diferentes da variedade padrão corrente no Estado.

O método utilizado na coleta dos dados foi o da entrevista semi-estruturada, por meio de conversas informais, que deram prioridade aos temas relacionados à história da cidade, à vinda das pessoas para aquela localidade e às formas de organização social da comunidade. Surgiram, então, casos sobre as festas, o trabalho, o lazer e o modo de vida das pessoas que ali vivem.

As análises tiveram como base o método histórico-comparativo. Tendo em vista que os dados coletados foram comparados com outros registros da língua escrita, em virtude da impossibilidade de estabelecer comparações com a ocorrência de falas em momentos passados, já que essas não foram gravadas no ato das suas ocorrências.

Sabe-se que a ortografia de períodos anteriores é de base fonética, como afirmam Coutinho (1976) e Tarallo (1994). Apesar de outros lingüistas, como Cagliari (1992), por exemplo, discordarem desse ponto de vista, a pesquisadora optou pela primeira concepção em função da natureza da pesquisa.

Os dados de fala, que constituem o *corpus* da pesquisa, foram coletados por meio de gravações em fita cassete, anotações em diário de campo, observações e conversas informais. Tais dados foram transcritos, selecionados, analisados e comparados com outros registros da língua, obtidos em documentos escritos nos anos de 1299, 1798, 1776, 1855, 1845 e 1848; textos literários dos séculos XII e XIII e ainda textos que retratam a cultura popular goiana, transcritos por Bernardo Elis e organizados por Gilberto Mendonça Teles (2003).

A escolha dos documentos históricos se deu em função do que dispunha a pesquisadora no momento das comparações. Ou seja, não foi escolhido, *a priori*, nem um período histórico-lingüístico, em específico, para a comparação entre os dados da língua portuguesa de períodos anteriores e os de momentos atuais.

Além disso, não foi adotado a divisão, em dois períodos, o arcaico e o moderno, defendida por Câmara Jr. (1976) citado por Tarallo (1994), e outras divisões utilizadas por outros lingüistas, com base em dados da língua escrita. Apenas foram denominados períodos históricos, quando se tratar de registros dos traços da língua em estados anteriores, sem nenhuma divisão exata, em oposição aos registros da língua em estado atual.

Participaram desta pesquisa 25 colaboradores, porém, foram transcritas e analisadas apenas 15 entrevistas, por atenderem ao perfil pretendido. As variáveis extralingüísticas utilizadas para interpretar os dados foram: a faixa etária, a escolaridade, o tempo de residência na região, a naturalidade dos pais e do cônjuge do

colaborador. As transcrições foram organizadas de forma a atender os interesses das análises pretendidas: fonográfica, segundo a ortografia vigente na língua portuguesa e fonética.

A pesquisa foi fundamentada nas teorias de Tarrallo (1994), Melo (1971) Cunha (1986), Ilari (2002), Coutinho (1976), Silva Neto (1976), Penha (1997), Nascentes (1966), Head (1987), Fonseca (1984), Elia (2003), Silva (2001), Callou e Leite (2003), Bisol (1998, 2003), Silva (1999), Câmara Jr. (1972, 1976, 1986), , Moraes e Wetzels (1992), dentre outros.

3. Os processos de nasalização em Corumbá de Goiás

Foram selecionados alguns fragmentos da fala, de pessoas da cidade de Corumbá de Goiás, os colaboradores, em que são observados alguns fenômenos fonéticos referentes ao processo de nasalização, em uma perspectiva das teorias estruturalistas, preferencialmente as de Câmara Jr.

Foram adotadas as nomenclaturas de consoantes nasais em referência aos sons consonantais *m* [m], *n* [n] e *nh* [ɲ] e vogais nasalizadas em referência aos sons vocálicos *a*[ã], *e*[ê], *i* [ĩ], *o*[õ] e *u*[ũ], respectivamente, os quais são nasalizados em contextos específicos, conforme os argumentos defendidos por Câmara Jr. (1972).

A análise sobre algumas realizações da nasalidade nas palavras selecionadas tem como fundamentação alguns estudos e pesquisas sobre a fonética histórica que abordam a nasalidade, e as chamadas leis fonéticas, por meio da análise e comparação destes dados com outros registros da língua escrita em outros momentos históricos.

As chamadas leis fonéticas, descritas pelos linguistas da Escola Neo-Gramática do século XIX, são mudanças regulares que ocorrem na evolução das línguas, motivadas pela configuração fonética das palavras. Não são como se julgava inicialmente, inobserváveis, acabando, aos poucos, por afetar o léxico das línguas em determinado tempo.

Trata-se de eventos históricos, sujeitos às mesmas contingências regionais, políticas, culturais e sociais dos outros eventos que atingem a língua de uma comunidade. Na evolução do latim falado no início do Império Romano para o falado na România Ocidental e desse para o galego-português ocorreram consideráveis mudanças regulares, determinadas pelo contexto fonético, incluindo o emprego das nasais.

3.1 Traços de nasalização do sistema consonântico

O sistema consonantal nasal do português é representado pelas consoantes *m*, *n* e *nh*, em contextos pós-vocálicos, representados foneticamente por [m],[n],[ɲ], respectivamente.

Os dados coletados demonstram que é muito freqüente a ocorrência de palavras como *ũa*, *argũa*, *dũa* e *niũa*, em referência *uma*, *alguma*, *de uma* e *nenhuma*, respectivamente, como nos exemplos das transcrições abaixo retirados do *corpus* da pesquisa:

‘É preciso fazê *argũa* coisa’ (Colaborador 4).

alguma > [ɐ.ɾ'gũə]

‘aqui... se ocê quisé *ũa* banãna é cômprado...’ (Colaborador 5).

uma > [ˈũə]

‘Aquilo é ruim d̃mais mesmo... Argũm treim que'a gẽnte levava...na mão assim es num dexava ãntrá ... ãntrava se tivesse dẽnt'*dũa* mala...’ (Colaborador 6).

de uma > [ˈdũə]

Em textos da literatura medieval é bastante comum o emprego da palavra *hũa*, sem o *m* e com o sinal (~) til marcando a nasalidade, como no fragmento da cantiga escrita por Duarte da Gama, no século XIII citada por Campadelli e Souza (2001, p. 50):

Em qual quer aldeiazinhau
achareys tal corruçam,
ca molher do escriuam
cuyda ã he **hũa** rraynha.
E tam bem os lauradores
cõ suas maas nouydades
querem ter as vaydades
dos senhores.
[...] (grifo meu).

Um outro exemplo da palavra *hũa* está registrado no recorte do documento escrito por José Martiniano de Alencar, no ano de 1855, na primeira linha:

I-1,19,32

Digo eu à baxo asignado, que entre os meus bens, que posu de mansa e pacífica (?) ha **hũa** escrava mulata de nome (?) , que houve por herança de meus pais, a qual pelos bons serviços que me tem prestado desde que estivi estado em Pernambuco, e servindo-me sempre sem interrupção desde que heramos mosos athe hoje que ambos somos maiores de 60 annos, ficamo hoje (?) annos / (?) a tenho de hoje para sempre afim de gosar de sua liberdade como se fora nacida livre, passando lhe esta Carta de Alforria, que terá todo o vigor ainda q. **algũa** formalid.lhe falte; pois he minha livre, espontânea vontade [...] (grifos meus).

Uma explicação histórica para os casos de *ũa*, *dũa*, *argũa* e as demais palavras relacionadas a *uma*, como *dũa*, *prũa*, *cũa* e outras, é que, em galego-português medieval, o artigo procedente do antigo numeral latino *una* produziu como resultado *ũa* e, por conseqüência, a supressão do *m* e a nasalização da vogal anterior afetaram também as outras palavras e expressões derivadas de *uma*.

De acordo com Cunha (1986), as pronúncias populares e regionais de *ũa* e *argũa* eram próprias da língua culta nos séculos XVI e XVIII, documentadas nas obras de Camões e Gregório de Matos Guerra.

Observando textos de documentos escritos antigos, é possível constatar a utilização da palavra *hũa*, *hũama* e *humma* para designar *uma* usada atualmente na escrita e na oralidade da norma culta do português, em referencia a uma unidade no gênero feminino. Na realização oral da língua no nível informal, a palavra *ũa* foi preservada, na oralidade, por vários tipos de falantes, escolarizados e não-escolarizados, em várias regiões do país e, especificamente, em Corumbá de Goiás.

Em documentos organizados pelo Centro de Cultura Goiano da Universidade Católica de Goiás, em 1996, em que constam de relatórios administrativos dos Governos da então Província de Goiás, é possível perceber o emprego das palavras *humma* e *hũama*, conforme fragmento, extraído de um relatório apresentado na Assembléia Legislativa de Goiás pelo vice-presidente da Província, Antonio de Paula Fleury, no ano de 1848:

Tenho comunicação official, que a ponte do Rio Trahiras, na Villa do mesmo nome acha-se arruinada, e he necessário reparal a em tempo para que não se torne dependente de hũa nova construção (Texto transcrito conforme o original; *Relatórios dos governos à província de Goyaz de 1845-1849*, 1996, p. 132).

Williams (1973), ao relatar as modificações do latim para o português, ressalta que a consoante palatalizada [ɲ] desenvolveu-se entre *i* tônico e *a* final, uma nasal labializada [m] desenvolveu-se entre *u* tônico

e *a* final como em *ũnam* > *hũa* > *uma*. Por outro lado, segundo o autor, a modificação ocorreu apenas com *uma* e seus derivados. Essa palavra produzida pela intensificação e preservação da ressonância nasal na primitiva forma *ũa*, pela influência da forma masculina *um* [ũ]. O autor observa também que a forma *ũa* era preferida pelo gramático português João Madureyra Feijó, no início do século XVIII, e era também bastante popular em todas as partes de Portugal, nesse período, usada em versos antes de palavras começadas por *m*.

Ainda, de acordo com Williams (1973), entre *u* tônico e *a* final, o *m* de regra não se desenvolveu e nem ressonância nasal permaneceu, nos casos, por exemplo, de *commũana* > *comũa* > *comua*; *lũnam* > *lũa* > *lua*. A forma *lumam* > *lua* persistem em certos dialetos do português de Portugal.

Pela análise dos textos escritos em períodos anteriores, é possível perceber na escrita uma variação de *hũ* e *hum*. Ocorre um processo de modificação de *hũ* > *hum* > *um*, para a forma atual, conforme fragmento extraído de um documento de 15 de setembro de 1798.

12-7-17

15 Set. 1798

A vinte e cinco de Agosto deste presente anno Recebemos a respeitável Carta e, Ordem de V. Ex^a. Com **hũ** Alvará de privilégios dos (?) em que V. Ex^a. nos determina, os mandemos Registrar no Livro de Registros des Comarca, o que prontamente ficão Registrados conforme ao (?) de V. Ex^a. Villa de Curitiba 15 de (?) de 1778 [...]. (grifo meu).

Em textos de outros períodos, a forma escrita do numeral ou artigo indefinido masculino aparece como *hum* ou *hum*, o que não modifica a realização oral dessa palavra na atualidade. A alteração dá-se apenas na escrita, que conta com a nasalidade marcada pela plosiva [m] e o não emprego do *h* inicial, documento escrito pelo vice-presidente da Província de Goiás, no ano de 1845, assinala a importância da instrução pública:

Hum povo ilustrado facilmente se governa, e he bem difficil, seno impossível opprimil o: hum Escriptor diz mui judiciosamente, que hum dos maiores , e mais importantes benefícios, que se podem fazer aos homens, e em especial à classe popular, he inspirar lhes o amor ao trabalho... (Texto transcrito conforme o original, Memórias Goianas, 4, 1996, p. 17). (grifo meu)

Em relação ao emprego do *m* para nasalizar uma vogal anterior, Coutinho (1976) comenta que o *m* seguido de consoante, nos textos de períodos anteriores, a fase arcaica da língua portuguesa, nasalizava a vogal anterior e podia ser empregado mesmo antes de alveolar ou dental, como em *emsinar* > *ensinar*; *aquemtar* > *aquentar*. Coutinho (1976) acrescenta ainda, que o *m*, na escrita de textos de períodos anteriores, aparece geminado em contextos em que é precedido da vogal nasal: *emmendar*, *emmigo*.

Nos dados de fala coletados, como normalmente ocorre na língua portuguesa de forma geral, as vogais seguidas de *m* tendem a nasalizar-se, havendo preferência pela sílaba tônica, tanto em posição de ápice quanto de declive, como nos exemplos que se seguem.

‘ocê num vai pra dibaxo do pau não muié... o João tẽm um barraco ali com a Dona Tina que tá **guardãno** os trẽim dele... que tá a toa ... nós leva os trẽim e ocê vai fica lá... **vãmo** lá pa vê...eu **cũmpãnhei** es... aí e’a foi e me **arrũmo** agasai né...’ (Colaborador 3).

guardando	>	guardano	[gwe.r'dãnu]
vamos	>	vamu	['vãmu]
acompanhei	>	cumpanhei	[kũpã'nej]
arrumou	>	arrumo	[exũ'mo]

A exemplo de inúmeras outras ocorrências na língua portuguesa atual, desde períodos anteriores, a bilabial nasal *m*, precedida de vogal, normalmente, também nasalizava a vogal, assim como ocorre com a dental nasal [n], e palatal [ɲ], registradas na fala dos corumbaenses.

A consoante [n] é empregada no português atual, como também em períodos anteriores, na escrita, para nasalizar a vogal precedente.

Segundo Coutinho (1976), o *n* acompanhado de consoante labial era usado para nasalizar a vogal anterior, como em *limpo* > *limpo*, *ambos* > *ambos*. De acordo com o autor, também se encontra em textos antigos, *ni* e *n* com o valor de *nh*, como em *tenio* > *tenho*, *vena* > *venha*. À imitação do Espanhol, o *n* geminado corresponde na escrita ao *nh* e, na fala, ao [ɲ], como em *aranna* > *aranha*, *vinno* > *vinho*.

Como ocorre em vários contextos da língua portuguesa de forma geral, o *n* também, em muitos casos, nasaliza a vogal precedente. É o que também acontece na fala dos corumbaenses, conforme dados transcritos:

'desse rego es feiz a usĩna... pa rũmá luiz... im Curũmbá quem tinha luiz im Curũmbá e'a gẽnte... e nóis que era po:bre não... nóis tinha é'a cãndeia de azeite ((risos)) só azei/ que nem querosẽne num tinha... depois foi cunhecê querosẽne pa mode fazê lâmparĩna... eu faço a cãndeia/ eu vô fazê até azeite agora ... tô cum saco de mãmõna le'ĩmbaxo' (Colaborador 8).

usina	>	usina	[u'zĩnə]
querosene	>	querozene	[kerɔ'zẽni]
candeia	>	candea	[kã'deə]
mamona	>	mamona	[mã'mõnə]

São inúmeros os casos registrados, na fala dos corumbaenses, em que as vogais seguidas por *n* são nasalizadas. Assim, como ocorre no português atualmente.

Dentre os dados coletados na fala dos corumbaenses entrevistados, é bastante comum a consoante [ɲ] se apresentar despalatalizada ou iotizada, como na palavra *minha* > *mia* ou *mĩa*, com o *i* nasalizado e em alguns casos desnasalizado.

'sufria ... sufria passava fõme mia fia (?) e mais é... passava guẽntava.../... de fato a gẽnte a veiz tẽm sorte porque' (Colaborador 8).

minha	>	[ˈmiə]
-------	---	--------

'é mĩa fia a gẽnte vai... vai cabãno a força da gẽnte nĩm é?...de tãn trabaiá...' (Colaborador 5).

'sõra qu'é muito cupada... sõra sabe lê e eu nũm sei nẽm iscrevê meu nõme mais eu nũm troco mĩa cabeça nĩm troco dĩa pessoa que sabe muito' (Colaborador 8).

minha	>	[ˈmĩə]
-------	---	--------

Almeida (2000) também observa as mesmas ocorrências *mia* e *mĩa* no falar cuiabano, com o *i* nasalizado, com a despalatalização do [ɲ] em correspondência à palavra *minha*.

Em textos escritos em períodos anteriores é bastante comum encontrar o registro de *mĩa* por *minha*, como se vê um Título de venda que foi escrito no ano de 1299. Conforme documento no anexo 3.

Título de venda
(Ano de 1299)

Sabem quantos esta carta uirẽ cõmo eu Maria Johannes, de Carruallar, dito Melles, que ffuj, por m̃j et por **m̃ia** uoz, vendo a'uos Vermũ Prez, de Leyro, et a'uossa uoz, por duzentos soldos d'alfffonssis da guerra que de uos Recebj, de que bẽ soo pagada, a'meadade de toda quanta herdade eu ey et a'uerdeuo por uoz de meu padre Johan Çacoto, que ffuj fillo de Maria Carualliça, ãna uoz do condado, em toda a'ffljglesia de San Saluador de Moesteyro, qual uos outorgo a'ffazer de paz por m̃j et por m̃ias boa; et se alguẽ de **m̃ia** parte ou da estraya a'uos contra isto quisser passar, **m̃ia** uoz lle tollo, et seia maldito, et peyte aa'uoaz d'el-rey et aa'cuossa, de por medeo, por pena, L.^a mors. d'usal moneda, et a' carta ffique ffirmo para senpre. [...]

Um outro exemplo da freqüente despalatalização do [ɲ], comumente encontrado na fala dos colaboradores, dá-se na realização de palavras terminadas em *nho* /ɲo/, como o caso, por exemplo, dos diminutivos masculinos ou outros substantivos terminados em *nho*:

'*im Cocazim teim um... teim um lá... teim um médico lá... teim um hospital eu truxi ela ...*'(Colaborador 6).

Cocalzinho > cocalzin [kɔkɛ'zĩ]

'*e fica doidim... assim qu'ele casô ele ficô aqui ãncostado ...*'(Colaborador 7)

doidinho > doidin [doj:'dɔĩ]

'*agora dava na marca d'eu recebê cadê? Eu cum butijão... purquẽ eu ṽinha e já ricibia e já cõmprava os trẽnzim... o qu'eu cuẽntava leva eu já levava na cacũnda o qu'eu ñim guẽntava dexava no vizim...*'(Colaborador 5).

trenzinho > trenzin [trẽj'zĩ]

vizinho > vizin [vĩ'zĩ]

'*eu tẽho ã/ eu tẽho ãa irmã... que mora ãm ãnapu e tẽm ãm (?) de subrim lá...tẽho irmã...irmã e tẽho subrim e subrimha fia dela...dessa irmã m̃inha...*'(Colaborador 5).

sobrinho > subrin [sũ'bĩ]

Além da despalatalização do /ɲ/ ocorre ainda o apagamento da desinência de gênero *o* e permanece a nasalidade do *i*.

Silva Neto (1976) observa que, no estado do Ceará, opera-se no diminutivo *-inho* uma evolução típica, em que ele passa a *-iõ* e depois a *ĩ*, perdendo a vogal final, como em *pombinho* > *pombiõ* > *pombim*, *caminho* > *camõ* > *camim*, *vinho* > *vĩ* > *vim* e outros.

Algo parecido também ocorre com as palavras *dinheiro* e *senhora*. O colaborador pronuncia *diẽro* e *ĩora* com o *i* nasalizado e apagamento do fonema [ɲ].

'(?) qu'ele era o tisorero... cõnta diẽro... (?) assistẽcia ṽinha pra Curũmbá seu Fẽim fĩna que cõnta todas nota...'(Colaborador 8).

dinheiro > diẽru [dɔĩ'ɛrũ]

senhora > s̃iora [s̃ĩ'orã]

A palavra *senhora*, às vezes, também é pronunciada como *sora*, com a vogal baixa com timbre aberto e com o apagamento dos fonemas [ɛ] e [ɲ].

'*sora qu'ẽ muĩto ocupada sora sabe lê eu ñim sei neim iscrevê meu nõme mais eu ñim troco m̃ia cabeça ñim torço dũa pessoa que sabe muĩto*'(Colaborador 8).

senhora > sora [sɔrã]

A despalatalização do [ɲ] na língua falada em Goiás também é registrada na obra Folclore Goiano que retrata em trovas que documentam alguns fenômenos da fala goiana, como nos versos seguintes:

*“Cala boca sem-veigonha
De toda vez é assim
- Ó muié tem paciência
Lá ninguém fia de mim
Trata de nossas galinha
E zela de nossos **pintim**,
Que agora com poucos dia
Eu levo outro **caiguerim**.”*

(Do Folclore Goiano, de J. Aparecido
Teixeira apud Teles (2003, p. 73) – grifos meus.

*“Quando entra méis de agosto,
Os ar tudo intristece.
Os **passarim** canta triste
Naquele sertão deserto,
Eu também vivo cantano
Pruque sei que a morte é certo.”*

(Moda de Viola, Folclore Goiano –
apud Teles (2003, p. 99) – grifo meu.

Percebe-se, que é um fenômeno lingüístico registrado em outros momentos históricos e em outras regiões do estado encontrados em obras literárias que retratam falas goianas, como os textos de Bernardo Elis e Hugo de Carvalho Ramos, por exemplo.

Coutinho (1976, p. 128) pouco comenta sobre a nasal [ɲ], empregada no português em períodos históricos. O autor apenas exemplifica o processo de mudança de algumas palavras como: *ni>-nh: aranea > aranha, ciconia > cegonha, ingenu > engenho, junio > junho, linea > linha, pinea > pinha, seniore > senhor, teneo > tenho, venio > venho, vinea > vinha; e -lni->nh: *baneu por balneu > banho*. Segundo o autor, a queda do l deu-se provavelmente no latim vulgar. Ele também cita que *mni> nh: somniu > sonho; o m deve ter sido assimilado pelo n, em calunnia > coima: do latim calunnia “calúnia”, por meio das formas caomia, coomia, comia*. Esse processo foi explicado por Nascentes (1966, p. 186).

No que se refere à palatal nasal [ɲ], Silva Neto (1976) afirma que a pronúncia do nordestino/ Nordeste tem uma realização diferente. O fonema mantém-se nasal, mas se desconsonantiza como em *Antonho*, por exemplo, que é a pronúncia popular da *Antônio*, mas há casos em que se pronuncia *Antõio*.

Esse fenômeno também foi registrado na fala de alguns corumbaenses durante entrevistas, conforme transcrição:

(?) ... os câmarada ... Bĩndito... Biñdito irmão do Sãntãna... (?) aí **Antõ**i Barba... João do (?) João Barba... o seu Mané qu'era pai do seu Marĩm... (Colaborador 8).

Antonio > antõi [ã'tõj]

Silva Neto (1976) aponta alguns casos da despalatalização do [ɲ], no português de Portugal, por meio da fala dos crioulos portugueses de base africana, enquanto que em Cabo Verde realizavam *camim* por *caminho*, *vim* por *vinho*. Já os de São Tomé empregavam *pombim* por *pombinho* e os de Ilha do Príncipe falavam *padrim* por *padrinho*. Para o autor, essa não deve ser uma explicação do fenômeno no Brasil, país que sofreu influência açoriana.

Como se percebe esse fenômeno já foi registrado por outros autores, que se dedicaram aos estudos da língua portuguesa no Brasil, o que reforça a idéia de não ser ele exclusivo do falar do corumbaense. Logo, pode ser uma herança lingüística, que ainda se preserva em Corumbá de Goiás e em outras regiões do Estado e do País.

3.2 Traços de nasalização do sistema vocálico

As vogais nasalizadas do português foram representadas por [ã], [ẽ], [ĩ], [õ] e [ũ], de acordo com o contexto de suas ocorrências.

A exemplo de outras ocorrências nas falas gravadas e transcritas, o *a* tônico é sempre nasalizado se for seguido das consoantes nasais [m], [n] e [ɲ], semelhante ao que ocorre no português padrão e no português popular em várias regiões do Brasil, ou seja, com timbre fechado, como nas palavras transcritas.

'eu aqui minha fia lá mêmô ôndi eu morava... qu'eu morava lá...qu'a mĩnha mĩnha mora aculá ... de cá do corgo eu tava nũm outro lugá... perto dũ/dũ/dũa tãmei qu'eu judei cria dês de novica tava lá...' Colaborador 5).

também > tãmêi [tã 'mêi]

Na palavra *também*, além da nasalização do *a*, ocorre ainda, na fala, um processo de ditongação, como em *amém* > *amêi*; *bem* > *bêi* e outras palavras terminadas em *em*.

Normalmente na fala do povo de Corumbá de Goiás, os gerúndios têm uma forte tendência ao apagamento da dental oclusiva *d*, mesmo quando são pronunciados por falantes escolarizados.

'Cũmu tá passano'

'agora o do Divino... agora qu'ele tá costumãno né? ele num gostava...'

'aí vai... foi vortãno... vortô a mão... vortô a perna ...'

'as veis eu desço lá ãmbaxo... que tem muita ladera né? pricisa d'eu vim discansãno no camĩnho...' (Colaborador 2).

passando > passãnu [pɛ'sã :nu]

acostumando > ciustumãnu [kʊstʊ'mãnu]

voltando > vortãnu [vɔɾ'tã :nu]

desanimando > dizanimãnu [dʒɪ'kã:'sãnu]

Vários são as ocorrências nas falas dos corumbaenses entrevistados em que o *a* nasalizado, antes de consoantes nasais, se apresenta com timbre fechado. Almeida (2000) observa que no falar cuiabano, o [ã] também se apresenta como vogal central e fechada, a exemplo do que ocorre na Zona Sul de Portugal.

Nesse sentido, Teyssier (2004, p. 101) afirma: “na pronúncia mais corrente não existe no português do Brasil a oposição entre os timbres abertos e fechados, dentre outras, da vogal *a* seguida de uma consoante nasal: ocorre nesse caso apenas o timbre fechado”. É o que também ocorre na fala dos colaboradores, em que o *a* nasal vogal se apresenta como vogal média e fechada, e, na maioria das vezes, tem um alongamento breve.

Não foi estabelecido a distinção entre o [ẽ] e o [ẽ̃] no falar corumbaense, da mesma forma que Cristóvão Silva (1999, p. 91) ao justificar a não - distinção do grupo de vogais médias-alta [e,o], na classificação das vogais médias nasais [ẽ,õ]. Segundo a autora, “isto deve-se ao fato de que as línguas naturais não fazem diferenciação entre vogais nasais médias-altas e médias-baixas. Isto significa que [ẽ] e [ẽ̃] são equivalentes. O mesmo ocorre para [õ] e [õ̃]”.

Teyssier (2004), ao tratar dos aspectos inovadores da fonética brasileira, afirma que, ao contrário de Portugal, no Brasil não se faz oposição entre os timbres abertos e fechados das vogais tônicas *a* e *e*, seguidas de consoante nasal. Por isso, optou-se também por não estabelecer a referida distinção na fala dos entrevistados.

Dentre as várias ocorrências do [ẽ̃], observadas nos dados coletados, foram aleatoriamente, selecionadas as palavras, a princípio, sem considerar se são átonos ou tônicos:

'sufria... sufria passava fõme mĩa fia ((?)) e mais é... passava guẽntava ... defato a gẽnte a veiz tẽm a sorte porque que/ eu nũm gosto de falá...' (Colaborador 8)

agüentava > guẽtava [gwẽ'ta:və]

'Eu tô cãm oitẽntã'/ novẽntã'no' (Colaborador 6).

[oɲtẽ'tãnu] > novẽtãnu [nɔvẽ'tãnu]

Há um deslocamento da sílaba tônica e a junção das palavras *oitenta e noventa* com a palavra *ano*, permanecendo também o traço de nasalidade do *a* da palavra *ano*.

‘*o qu’eu nĩm guẽntava dexava no vizĩm*’

‘*eu falei eu gastava de fornai assĩm fugão de lēnha eu nĩm ĩmportava de tá buscãno lēnha na cabeça*’ (Colaborador 5).

agüentava > guẽntava [gwẽ'ta:və]

lenha > lēnha ['lẽɲə]

‘*e se’le chegá e eu falá - to cu’isso aqui duẽno...*’

‘*...mais el/ tēĩm ma:is cuidado cũmigo que meus fio mẽmo... meus fio é bão dĩma:is*’

‘*por deus mẽmo... tēĩm hora qu’eu fico pēnsãno assĩm...*’ (Colaborador 7).

dueno > duẽnu [dũ'ẽnu]

mesmo > mẽmu ['mẽmu]

pensando > pesãnu [pẽ'sãnu]

‘*ele tava mei duẽnte... passãno mal... e ele: (?)*’ (Colaborador 1).

duente > duẽti [dũ'ẽtʃɪ]

‘*depois foi cũnhecê querosẽne pa mode fazê lâmparĩna*’ (Colaborador 8).

querosene > querozēni [kɛrɔ'zẽni]

Almeida (2000) observou que, no falar cuiabano a vogal [ẽ] tônica nasalada tem o timbre fechado. Segundo o autor, essa vogal esse se assemelha à vogal do português padrão e popular, falado no Brasil e em Portugal, em especial na Zona do Minho e Douro Litoral do país europeu.

Nos documentos analisados, percebe-se várias palavras escritas em que a vogal *e* aparece seguido de *n* ou *m*. Ou seja, possivelmente, na fala, em outros períodos históricos a vogal *e* seguida por consoante nasal, se realizava de forma parecida, senão igual, com a sua realização no português atual. Isto é, se nasalizava.

A vogal *i* nasalizada, em geral, apresenta timbre semelhante à vogal do português padrão, e do português popular. Tanto no português falado no Brasil, como em Portugal, cujo timbre é alto.

‘*ái tava na bera da estrada aculá com’s mĩnĩno falei – eu vô pēnsá aõnd’é qu’eu arrãjo um pau aqui mod’ẽntrá dibaxo mais meus fio... e tava lá ta/ aí passo ãa muié lá que’a mĩm/ cũnhicia qu’eu tava cũns trêis dia qu’eu tava aí... cũnhicia nĩnguém... pa mĩm – oh! que que ocê ta fazẽno aqui tão tris:te?’* (Colaborador 3).

menino > mĩnĩnu [mĩ'nĩnu]

mim > mĩ ['mĩ]

conhecia > cũnhĩcia [kũɲɪ'siə]

‘*o mininõmi morreu... só ãa fia... essa mora na roça... qu’ela tava aqui cũmigo e aí ela foi ĩmbora prueque os mĩnĩno dela trabaia... e ela tava querẽno pur tudo qu’eu fosse...*’ (Colaborador 5).

menino homem > mĩnĩnõmi [mĩnĩ'nõmi]

embora > ĩbora [ĩ'bɔrə]

‘*ocê quando chega nĩm Curũmbá cê sabe muito bēĩm*’ (Colaborador 8).

em > nĩ [nĩ]

No caso da vogal [õ] também, não será feita a distinção entre os timbres abertos e fechados, a exemplo da vogal *e* nasalizada, a não ser nos casos de algumas palavras, especificamente.

Ao diferenciar o português do Brasil e o de Portugal, Teyssier (2004, p. 104) dá como exemplo as palavras *sono* e em *Antonio*. No português europeu o timbre fechado aparece somente em *sono* e *Antônio* a vogal *o* é pronunciada com timbre aberto: *Antônio*.

Na fala dos colaboradores, foi possível observar que a vogal *o* nasalizada sempre é produzida com timbre fechado, sendo tônico ou átomo, como se vê nos exemplos transcritos:

‘((?)) *át Antõĩ Barba...* ((?)) *João Barba...o Seu Mane qe’ra pai do/ do Seu Marim...*’
(Colaborador 8).

Antonio > *ãtõĩ* [ã’tõj]

O nome próprio *Antonio*, em muitas ocasiões é pronunciado por *Antõĩ*, como no exemplo transcrito, ou como *Antõĩ* [ã’tõ̃], com o *a*, o *o* e a semivogal *j* nasalizados. Ou ainda, como *Tonho* [tõ̃ɲu], *Tõĩ* [tõ̃j] ou *Tõĩ* [tõ̃j], sem a sílaba inicial *an*. Em todas as formas, com a vogal *o* tem o timbre fechado.

‘*é ieu sabia tudo... aqui ãm Curũmbá eu sabia tudo/ mais depois qu’eu tive aquele ãncõndo... trapaiõ ieu tudo...*’ (Colaborador 2).

incomodo > *ĩcõdu* [ĩ’kõdu]

‘*Todos treis hõmi?*’ (Colaborador 9).

‘*eu num quẽnto.../... que’os minĩno dela trabaia... es tẽĩm a mota... qu’ea vez eu até ando na garupa deis... mais eis trabaia fora cõnd’ chega é tarde...*’ (Colaborador 5).

‘*é um dos neto né ? dos neto meu que foi cue’la õnti... ele foi até duẽntado...to ãncõmada:da...ele tava cum muita febre...*’ (Colaborador 5).

quando > *cõdi* [kõd]

ontem > *õti* [õtʃɪ]

Na palavra *ontem*, além da conservação da nasalidade da vogal média posterior *o*, com timbre fechado, há ainda, uma fricção da consoante oclusiva linguodental *t*, que é próprio da fala goiana, quando essa consoante precede da vogal *i*. Ocorre também, nessa palavra, a redução do ditongo final com o apagamento do vogal *e* e a semivogal passa à vogal *i* desnasalizada.

É importante ressaltar que no emprego do fonema [ũ] no falar corumbaense, em algumas palavras é preservado traço de nasalidade, em palavras que no português, no estado atual, normalmente, não se nasaliza, como é o caso, por exemplo, de *lua*. Essa palavra é pronunciada, por alguns falantes, preservando a nasalidade que a língua já não conserva. Outro exemplo retirado dos dados coletados da nasalização do [u] seguindo de consoante nasal é o caso *bocado*. Nessa palavra, há modificação em toda a primeira sílaba. A consoante bilabial oclusiva [b] passa a bilabial nasal [m] e a vogal média posterior [ɔ], que normalmente na fala de outros falantes escolarizados, passa a [u] *bocado* > [bu’kadu], na fala dos corumbaenses entrevistados passa a alta posterior [ũ] nasalizado, *bocado* > [mũ’kadu].

‘*A lũa tava clariinha*’ (Colaborador 9).

‘*Bão é i lá quando fõ noite de lũa cheia.*’ ((se referindo ao monumento do Cristo existente na cidade)). (Colaborador 10)

lua > *lũa* [lũə]

No caso da palavra *lua* [lũə] houve um processo de mudança de LUNA > [lũə] > [lũə].

Silva Neto (1976) observa que na pronúncia do povo do Nordeste também há casos da manutenção da forma antiga *lũa*, usada na língua portuguesa no século XVI, e em falares portugueses atuais, *luma*, por transformação, conhecida na língua comum (cf. *una* > *ũa* > *uma*) e nos dialetos, de som labinal *ũ* no fonema

labinasal *mê*. Com efeito, no crioulo guineense há *pomes*, de *pães*, isto é, *pães*, em ceilonês ocorre *lumana*, de *lũar*, no alentejano ocorre *jumar*, de *(je)jũar* e, finalmente, também na ilha da Madeira existe *luma*, de *lũa*.

Na interpretação de Câmara Jr., (1972) quanto a inexistência de hiatos nasalizados em português, mesmo em palavras como *ũa* que possui apenas dois fonemas, há o hiato. É isso o que ocorre também com as palavras e expressões: *com uns* ['kũʃ], *em um* ['nũ]; *em uns* ['nũʃ] e *como* ['kũmu], há uma mudança do [ɔ] para [u] e a nasalização “forte” dessa vogal.

'pois' é sufri muito... mais cũmu se diz deus em vai ajudãno' eu... em vô levaño tudo chegãno tudo o tãnto qu' é prciso' (Colaborador 7).

como > cũmu ['kũmu]

Na interpretação de Câmara Jr. (1953), o arquifonema N permanece. As palavras citadas possuem, então, uma vogal oral, que é nasalizada, seguida pelo arquifonema N.

Interessa observar a realização da palavra [nũ], que é empregada, da mesma forma, em dois contextos lingüísticos diferentes:

'não... num era bem do bãnderãnte' (Colaborador 1).

'num dia desse... cõnd' eu tava vño pra cá...' (Colaborador 9).

não > nũ ['nũ]
em um > nũ ['nũ]

No primeiro contexto, a palavra [nũ] é falada com referência ao advérbio de negação *não*, no segundo, com referência a expressão *em um*. Nos dois casos, a nasalização da vogal *u*, ocorre da mesma forma.

4. Considerações finais

Considerando as condições sócio-culturais brasileiras, até o início do século XIX, como a precariedade do sistema educacional, o pouco acesso de grande parte da população às informações, o isolamento geográfico de algumas comunidades lingüísticas, a origem, já que o Brasil, até a segunda metade do século XVIII, fora quase que essencialmente um país rural. São fatores que podem ter contribuído para o caráter conservador do sistema lingüístico brasileiro.

As famílias dos corumbaenses entrevistados viveram grande parte da sua vida quase que isolados no meio rural, com pouco contato com outros povos. Pode-se então afirmar a possibilidade da conservação de traços lingüísticos herdados de outros momentos históricos, apesar da existência de outras variedades no estado de Goiás e no país. Também apresentam a mesma característica conservadora de outras manifestações culturais, como a religião, a arquitetura, o folclore, a culinária e outras.

Com base em análises de produções realizadas sobre a constituição do português brasileiro, em uma abordagem histórica. A partir da comparação dos dados coletados e transcritos, com outros registros da língua portuguesa, em outros momentos históricos, pode-se assegurar que há a conservação de alguns traços da língua portuguesa em outros estados. Pelo menos entre os falantes das classes populares com o perfil aqui descrito.

Levando-se em conta alguns textos escritos em períodos anteriores e as informações da história da língua portuguesa consultada, o confronto de dados mostra que alguns traços observados no falar corumbaense também são encontrados em outras fases do português.

5. Referências bibliográficas

ALMEIDA, M.M. **Aspectos do português falado na baixada cuiabana**: traços de língua antiga preservados no Brasil. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2000. (Tese de Doutorado).

- BISOL, L. A nasalidade, um velho tema. **D.E.L.T.A**, São Paulo, v. 14, n. especial, p. 45-46, 1998.
- _____. **Introdução a estudos do português brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- CÂMARA JR., J.M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Simões, 1986.
- _____. **Estrutura da Língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- _____. **Erros escolares como sintomas de tendências lingüísticas no português do Rio de Janeiro**: In: Dispersos, 35 – 46. Rio de Janeiro, 1972.
- CAMPADELLI, S. Y.; SOUZA, J. B. **Literatura, produção de textos e gramática**. São Paulo: Saraiva, 2001.
- CASTILHO, A.T. O Português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo. **Lingüística Românica**. São Paulo: Ática, 2002. p. 237-269.
- COUTINHO, I.L. **Gramática histórica Lingüística e Filologia**. Rio de Janeiro: Ed. Ao Livro Técnico, 1976.
- CUNHA, C. **Língua, nação e alienação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CUNHA, C.F. Conservação e inovação no português do Brasil. **O Eixo e a Roda**, Revista de Literatura Brasileira, Belo Horizonte: Fale, Universidade Federal de Minas Gerais, v. 5, p. 199-230, 1986.
- ELIA, S. **A unidade lingüística do Brasil**. Rio de Janeiro: Padrão, 2003.
- ILARI, R. **Lingüística românica**. São Paulo: Ática, 2002.
- MELO, G. C. **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.
- MORAES, J. A.; WETZELS, W. L. Sobre a duração dos segmentos nasais e nasalizados em português: um exercício de fonologia experimental. **Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas, n. 23, p. 153-166, jul./dez., 1992**.
- NASCENTES, A. **Dicionário etimológico resumido**. Brasília: INL, 1966.
- PENHA, J. A. P. **Aspectos da linguagem de São domingos**. Separata da Revista ALFA. FFCL de Marília. Departamento de Letras, 1997.
- _____. **Português rural de Minas numa visão tridimensional**: na fala, nos textos regionais, nos escritores antigos. Franca: Unesp, 1997.
- RELATÓRIOS dos governos à província de Goyaz de 1845-1849: relatórios políticos, administrativos, econômicos, religiosos etc. Goiânia: Centro de Cultura Goiana/Ed. UCG, 1996. (Memórias Goiana; 4).
- SILVA, R.V.M... **O português arcaico**: fonologia. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- SILVA NETO, S. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Brasília, 1976.
- SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português**: São Paulo: Contexto, 1999.
- TARALLO, F. **Tempos lingüísticos**. São Paulo: Ática, 1994.
- TELES, G. M. **Melhores contos de Bernardo Elis**. 3. ed. São Paulo: Global Editora, 2003.
- TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- WILLIAMS, E B. **Do latim ao português – fonologia e morfologia**. Traduzido por Antônio Houaiss. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.